

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E A IMPRENSA ANARQUISTA (1917 -1927)

Aracely Mehl Gonçalves – UEPG/ Faculdades Integradas de Itararé –SP.
Maria Isabel Moura Nascimento – UEPG (orientadora)
Eixo Temático1-Políticas Educacionais e Movimentos Sociais.
Comunicação individual.

Nenhum organismo procura a sua destruição.Todos os governos procuram eternizar-se, todos os privilegiados tem tido o interesse em não instruir e moralizar o povo.O seu domínio cimenta-se na ignorância e embrutecimento das massas populares e laboriosas.Fazer o contrário seria arranjar lenha para se queimarem.(s/a, A Plebe, julho de 1925)

Esta pesquisa tem como tema principal a Pedagogia Libertária , introduzida em nosso território pelos anarquistas e pretende analisar de que maneira os periódicos, que representavam este pensamento, contribuíram para espalhar os ideais desta pedagogia aos seus leitores.

No Brasil, o início do século XX foi marcado pela militância do Movimento Operário, no qual o pensamento anarquista tinha uma grande importância.

Estes anarquistas, também conhecidos como libertários¹,eram em sua grande maioria imigrantes que, ao desembarcarem em terras brasileiras traziam uma mão de obra mais reflexiva quanto aos seus direitos e disposta a lutarem pelos mesmos.

O episódio da educação libertária no Brasil inicia-se com a vinda dos imigrantes no final do século XIX e início do século XX, a fim de substituir a mão de obra escrava, na Província de São Paulo, para trabalhar nas fazendas de café.

Para isto, a Província.

[...] tomou a seu cargo todas as despesas relativas à imigração: pagamento de viagem dos trabalhadores e de suas famílias, criação de um organismo encarregado de dirigir a imigração, através de agências fixadas em vários países da Europa (sobretudo na Itália)². A partir de 1880, a imigração tornou-se massiva [...] Foi fundamentalmente graças a essa imigração massiva de trabalhadores de origem europeia que o mercado de trabalho formou-se e desenvolveu-se no Brasil, até a década de 1920. (SILVA, 1986, p.44)

¹ Termo que será , de agora em diante nesta pesquisa, usado para se referir ao anarquismo e seus militantes.

²“O povo italiano, sobretudo o povo do sul da Itália, passava por dias difíceis após a Unificação Nacional.” (SILVA, 1986, p.44)

A princípio estes imigrantes dirigem-se às plantações de café, porém, em “[...] razão das condições sociais e da remuneração, os trabalhadores abandonam voluntariamente as plantações ao fim do contrato (um ano) para procurar uma situação mais vantajosa [...]”(SILVA, 1986, p.45). Muitos deles escolheram ir para a cidade para poder exercer as atividades industriais a artesanais que já praticavam em seu país de origem, dando início ao aparecimento de um proletariado urbano (HILSDORF, 2003, p.58).

O crescimento da indústria paulista (em 1907 havia 326 empresas em seu território ao passo que em 1929 já existiam 6.923 ³) faz com que muitos dos imigrantes dirijam-se a elas a procura de trabalho, consolidando a cidade de São Paulo como “[...] um grande mercado distribuidor “(FAUSTO, 1977, p.18).

Estudos sugerem a predominância de imigrantes na manufatura. Em 1911, a pesquisa feita na indústria têxtil pela Secretaria de Trabalho do Estado de São Paulo indicou que de 10.204 operários em 23 fábricas, 7.499 eram estrangeiros, dos quais os italianos constituíam 6.044, os portugueses 824, os espanhóis 338, sendo os demais de diversas nacionalidades. (MARAM, 1978, p.16)

A vinda dos imigrantes; pessoas de diversas origens, culturas e valores, traz consigo diferentes pensamentos que convivem pacificamente ou nem tanto dentro das indústrias, porém, “[...] o anarquismo se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo.” (FAUSTO, 1977, p.62)

Preocupados com a alta taxa de analfabetismo presente na classe trabalhadora e como este fato dificultava a divulgação de seus ideais entre estes, os libertários voltaram seus olhos à educação de seus militantes, já que somente assim ocorreria um verdadeiro engajamento do trabalhador a luta dos sindicatos.

Durante vários anos os libertários repetiram-se na tarefa de enfatizar a importância da instrução como requisito de sobrevivência do Movimento operário. O papel reivindicatório do sindicalismo parecia só poder seguir adiante, segundo os libertários, se a questão da disseminação da instrução pudesse se efetivar. (GHIRALDELLI JR. 1987, p.102)

Na visão dos libertários, a educação burguesa tradicional, tanto a oferecida pelo seu aparelho estatal quanto à educação mantida por instituições religiosas, mesmo com o cientificismo propagado pelo Liberalismo presente na época, através do método analítico, é na realidade arbitrariamente ideológica, que se esconde por trás de um discurso de pretensa

³ Dados obtidos em SILVA, 1986, p.79.

neutralidade. O sistema de ensino patrocinado pelo Estado simplesmente se dedica a reproduzir as estruturas de dominação e exploração do proletariado, doutrinando os alunos a ocuparem seus lugares já predeterminados.

Lutar para a educação dos operários era possibilitar a eles o acesso a ciência, ao conhecimento que os instrumentalizaria para uma verdadeira atuação social e paulatinamente a revolução.

A burguesia não se limita somente a assambarcar os instrumentos de trabalho e a terra: as Universidades, as escolas, as academias são sua pertença e o proletário só vencendo obstáculos tremendos consegue utilizar-se de uma ciência acumulada por muitas gerações [...] (BATALHA, A. A. *Plebe*, 04-06-1921)

Faça-se tudo que se possa a favor da instrução e educação: na oficina, na associação, em família, no teatro, na escola, falando, escrevendo, divulgando, discutindo métodos e teorias. Mas, não percamos o fim essencial: A Revolução! (RIGA, P. *A Plebe*, 16-12-1920)

Expondo o comprometimento do ensino público com a ideologia do Estado e, portanto a grande dificuldade que se apresenta para que os limites deste condicionamento sejam superados, os anarquistas se declaram a favor de uma educação que não seja subordinada à religião ou ao Estado.

[...] não lutam pelo ensino público e gratuito oferecido pelo Estado liberal republicano: a postura dos libertários é de levar suas crianças à escola, mas não a escola liberal-republicana, porque esta não correspondia tanto do ponto de vista instrucional) a ciência enquanto suporte do progresso capitalista) quanto do ponto de vista da função de modelagem (construindo e mantendo a ordem social hierárquica e dual) às necessidades dos trabalhadores definidas pelos libertários, que tinham outro entendimento da relação formação humana – processo de transformação da sociedade (HILSDORF, 2003, p.75).

Perseguem, portanto, uma educação laica que esteja sob a responsabilidade da comunidade, a fim de que a ideologia do Estado não comprometa a liberdade educacional, e assim possa ser formado o homem integral.

De acordo com os libertários, esta importante iniciativa era destinada a resolver um dos problemas morais – o da educação nefasta, obra de escravização e de regresso empreendida pelos padres nos conventos, seminários e nas escolas, e encaminhar as novas gerações para os limites máxima da intelectualidade e do progresso. (RODRIGUES, 1992)

No exemplar de março de 1920 encontramos a seguinte afirmação referindo-se as escolas governamentais e do clero: "A instrução que fornecem é tendenciosa, incompleta,

saturada de preconceitos, impregnada de superstições, visando a perpetuação deste regimen(sic) corrupto e usurpador."

Para levar a iniciativa de manter suas próprias escolas a cabo, fundam em São Paulo, no ano de 1910, a Comissão Pró- escola Moderna, com o objetivo de angariar fundos para a construção da primeira escola de pensamento Libertário em território nacional. Toda a imprensa libertária do Brasil apoiou tal empreendimento, publicando pedidos de doação, convites a conferências, festas e teatros que visavam a arrecadação de fundos para a escola.

Os anarquistas queriam :

[...] um ser humano educado, instruído, culto, despido de ódio, rancor, ambições, amigo da razão e da verdade, com a capacidade de se auto governar, gerir seus atos, ser livre e cultivar a liberdade como a vida, todos os dias, e dentro da coletividade, ser irmão de seu semelhante, conviver com ele como produtor e consumidor das riquezas naturais e daquelas produzidas pelo trabalho de todos, de acordo com a capacidade de cada um. Por isso, não via com bons olhos o cerceamento do ensino e resolveu fundar escolas, não só para romper com as formas obscurantistas de ensino clero-estatais, mas também para possibilitar aos trabalhadores analfabetos e aos seus filhos alcançar uma instrução livre e, sadia..(RODRIGUES, 1992, P.55)

A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados, contribuiu sobremaneira à divulgação dos ideais do movimento e suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Para garantir a educação política de seus membros e espalhar seu ideal na comunidade, os anarquistas faziam grande uso dos jornais e impressos.

Além dessas e de outras iniciativas⁴ de caráter experimental, há outras que, por corresponderem a necessidades permanentes, fazem parte integrante do movimento anarquista. Figuras entre essas atividades a imprensa (jornais e revistas), as editoras, os centros e ateneus de cultura e grupos teatrais. (LEUENROTH, 1963, p.15)

O jornal "A Plebe", escolhido como fonte primária para esta pesquisa, foi um dos grandes jornais libertários; pretendia conscientizar o povo de sua situação de explorados e unir os trabalhadores em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho.

A Plebe não se propunha apenas a representar a "voz do operariado paulista". Seu intento era maior: ser "eco" dos "protestos e do conchamar ameaçador desta plebe imensa". E de norte a sul, *A Plebe* queria representar

⁴ As outras iniciativas a que Leuenroth se refere são colônias agrícolas e as comunidades profissionais onde se reúnem libertários de uma mesma atividade profissional para um trabalho em conjunto.

todos os trabalhadores brasileiros” na luta contra o Estado, a Igreja e o militarismo.(GONÇALVES, 2004, p.116)

Este periódico tem sua primeira edição em 09 de janeiro de 1917⁵, um ano que ficou marcado por greves e protestos, sendo editado semanalmente, em quatro páginas.Tinha como editores Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho. Nas suas reportagens trazia informações sobre o movimento em si, as greves que estavam sendo realizadas, falava sobre a educação, a mulher, a criança operária e também sobre a história do movimento, contribuindo para a formação da consciência do militante .

Os trabalhos eram executados por grupos de editores militantes anarquistas, como contribuição voluntária, sem fins lucrativos. O jornal no início , “saía quando podia”, isto é, quando havia recursos, porém mais tarde adotou a subscrição voluntária como meio de coletar recursos.

Em 1919 o jornal passa a ser diário pois se entendia que “a classe trabalhadora tem que estar munida desta arma indispensável que é a imprensa cotidiana” (A. V. , 1919, n23, p.3)

Essa ”arma indispensável” a imprensa proletária, deveria ser utilizada com eficiência contar a imprensa burguesa que ludibria e engana os trabalhadores.Neste sentido, os colaboradores de *A Plebe* estão convencidos da influência “ nefasta” que a leitura dos jornais burgueses poderia representar para os trabalhadores.(GONÇALVES, 2004, p.132)

As perseguições aos redatores e colaboradores do jornal, os empastelamentos⁶, e as dificuldades financeiras fizeram com que o jornal muitas vezes saísse de circulação por determinados períodos de tempo, retornando algum tempo depois. Os sucessivos empastelamentos de “A Plebe” indicam a grande repercussão que o jornal tinha entre os trabalhadores. (GONÇALVES, 2004, p.132)

Aconteça o que acontecer, nunca A Plebe deixará de circular.Ela é precisa e indispensável, porque os destinos da classe trabalhadora andam ligados aos seus.Enganam-se os senhores do mando, supondo que por tais processos, conseguirão esfacelar a organização sindical dos trabalhadores conscientes dos seus direitos e dos seus deveres.(A Plebe,1917,n.13,p.1)

⁵ Dados obtidos no Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp.

⁶ Inutilizar oficina gráfica. (Dicionário Barsa, vol 1, Enciclopédia Britânica do Brasil, Rio de Janeiro)

O presente estudo utiliza como delimitações, os anos de 1917 a 1927 sendo o primeiro marco temporal relativo à fundação do Jornal “A Plebe”, e o segundo, o período que demarca o seu décimo aniversário .

Este estudo tem por objetivo geral: pesquisar no jornal “A Plebe” no período referente aos anos 1917 a 1927 e através desta fonte, compreender os interesses sobre a educação, numa perspectiva histórica crítica, abordando as transformações e concepções dadas ao processo educacional e o papel atribuído à educação pelo grupo social do qual o jornal se colocava como porta voz, no momento em que o proletariado urbano começava a tomar forma.

Como objetivos específicos ,pretende-se nesta pesquisa:

- Identificar a relação trabalho - educação, divulgada neste jornal anarquista.
- Analisar o modelo de homem buscado por este pensamento pedagógico.
- Identificar as concepções de educação veiculadas pelo jornal “A Plebe”
- Identificar e compreender a ideologia presente nos artigos sobre educação.

Portanto, a temática a ser examinada neste estudo, pauta-se no trabalho (operário) como princípio organizador das idéias anarquistas e vê nesta relação, que é a de produção e portanto social, o objeto da história, e , na dialética, o método de produção de conhecimento.

O procedimento metodológico adotado na pesquisa esta sendo o de coleta e classificação de reportagens do jornal “A Plebe” .As fontes primárias para a pesquisa foram coletadas no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas.

No momento atual da pesquisa, estão sendo feitas cópias na íntegra das reportagens que versam sobre educação e que se encontram nas páginas do jornal "A Plebe", as quais estão sendo digitalizadas e organizadas em um banco de dados⁷ específico para a pesquisa para então serem analisadas á luz do referencial teórico.

Percebe-se que o jornal estava consciente de seu papel didático e pedagógico pois foram encontradas diversas reportagens, propagandas e até mesmo listagem de livros sugeridos para leitura, vendo na dupla, jornal – livro, a possibilidade de levar os trabalhadores á aprendizagem, abarcando a educação formal e informal de seus leitores , militantes do anarquismo. Nas reportagens já analisadas é clara a consonância dos ideais da pedagogia libertária com o discurso dos editores do jornal,corroborando para uma análise preliminar de que o jornal funcionava como aparato didático e pedagógico para a comunidade libertária.

⁷ Ao final da pesquisa o banco de dados será disponibilizado aos pesquisadores que se interessarem por este levantamento.

REFERÊNCIAS

- FAUSTO, B, **Trabalho urbano e conflito social**.Ed.Difel,Rio de Janeiro,RJ, 1977
- HILSDORF,M.L.S. **História da Educação Brasileira: leituras**.Ed.Thompson,São Paulo, SP, 2003.
- GONÇALVES,O.F., Trajetória e ação educativa do jornal *A Plebe* (1917- 1927) In: **Revista de estudos da Educação, Quaestio**,v.6, n. 2, UNISO, 2004.
- GHIRALDELLI, JR.,P. **Educação e movimento operário**.Ed.Cortez, São Paulo,SP,1987.
- LEUENROTH, E.**Anarquismo: roteiro de libertação social**.Ed.Mundo Livre, Rio de Janeiro,RJ, 1963
- MARAN, S.L. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1978.
- SILVA, S.. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. Ed. Alfa Omega, São Paulo, SP, 1986.
- RODRIGUES,E. **O Anarquismo: na escola, no teatro, na poesia**.Ed.Achiamé,Rio de Janeiro, RJ, 1992.